

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V. 5, n.2 jul./dez. 2006



Fas. 57602 Clas. PER
Arquivo & Administração
v.5 n.2
jul./dez. 2006

arquivo & administração

v. 5, n. 2

jul./dez.2006

EDITORIAL 3 Paulino Lemes de Sousa Cardoso

ARTIGOS 5 Políticas públicas arquivísticas: princípios, atores e processos
José Maria Jardim

17 A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasses e desafios atuais
Georgete Medleg Rodrigues

43 Dois aspectos da formação em preservação documental
Ingrid Beck

53 Os usuários da informação arquivística
Lucia Maria Velloso de Oliveira

Copyright c 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação e revisão: Paulino Lemes de Sousa Cardoso

Catálogo na publicação (CIP)

Arquivo & Administração/Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n.0 (1972) -
Rio de Janeiro: AAB, 1972 -

ISSN 0100-2244

R. 57609

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira
Vice-presidente: Eliana Balbina Flora Sales
1º Tesoureiro: Renata Silva Borges
2º Tesoureiro: Carolina da Conceição Braga Machado
1º Secretário: Laura Regina Xavier
2º Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira

Conselho Editorial

Paulino Lemes de Sousa Cardoso
José Maria Jardim
Lucia Maria Velloso de Oliveira
Maria Odila Fonseca
Paulo Elian
Sérgio Conde Albite Silva

EDITORIAL

A Revista Arquivo & Administração está lançando o seu segundo número do ano de 2006, sempre com temas atuais e originados da discussão acadêmica em torno do campo da Arquivologia Contemporânea.

Os artigos dos professores José Maria Jardim, doutor em Ciência da Informação e professor da Universidade Federal Fluminense, bem como da professora Georgete Medleg Rodrigues, doutora em História pela Université de Paris, Arquivista, Pesquisadora e Gerente Cultural do Arquivo Público do Distrito Federal, foram apresentados no XIV Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado de 23 a 28 de abril de 2006, na cidade do Rio de Janeiro, e que teve como tema "A Arquivologia e a Construção Social do Conhecimento".

O artigo **Dois aspectos da formação em preservação documental**, de Ingrid Beck, museóloga e conservadora, apresenta algumas reflexões que fazem parte da dissertação de mestrado da autora, **O Ensino da Preservação Documental nos Cursos de Arquivologia e Biblioteconomia: Perspectivas para formar um novo profissional**. A dissertação foi orientada pela Profa. Dra. Maria Odila Fonseca e defendida junto à Universidade Federal Fluminense em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, em abril de 2006.

Lucia Maria Velloso de Oliveira, graduada em História e em Arquivologia, escreveu o artigo **Os usuários da informação arquivística**, tendo como base sua dissertação de mestrado, **O usuário como agente no processo de transferência dos conteúdos informacionais arquivísticos**. Sua dissertação foi elaborada sob a orientação do professor José Maria Jardim e dentro do programa de pós-graduação em Ciência da Informação, convênio Universidade Federal Fluminense e IBICT. A defesa da dissertação ocorreu em agosto de 2006.

Paulino Lemes de Sousa Cardoso.

TORRES, Pedro Medellín. *La política de las políticas públicas: propuesta teórica y metodológica para el estudio de las políticas públicas en países de frágil institucionalidad*. Santiago de Chile: CEPAL, Jul./2004.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Informação em ciência e tecnologia: políticas, programas e ações governamentais – uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 92-102, set./dez. 2002.

ZIMERMAN, Héctor J. Origen y actualidad de las políticas públicas. *Ciudad Política - Ciencia Política*, 2003. Disponível em: <http://www.ciudadpolitica.com/modules/news/article.php?storyid=225>. Acesso em: 25 jan. 2006.

A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA CONTEMPORÂNEO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: IMPASSES E DESAFIOS ATUAIS.

Georgete Medleg Rodrigues

Doutora em História. Professora do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB).
georgete@umb.br

RESUMO

Com base na literatura e em pesquisas empíricas, traça-se o percurso histórico internacional da formação do arquivista, desde o surgimento dos primeiros cursos voltados para essa formação específica, a busca de uma harmonização dos currículos de arquivologia, ciência da informação e biblioteconomia apoiada pela Unesco. Faz uma descrição das disciplinas de formação do arquivista, segundo a literatura especializada em língua inglesa e francesa, e, especificamente, essa formação nos países de língua francesa da Europa e no Canadá, na atualidade. Aborda a formação em arquivística nos Programa de Pós-graduação no Brasil, o seu percurso da graduação à pesquisa e discute as perspectivas da profissão e da disciplina contemporaneamente no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Arquivologia - Aspectos históricos; Arquivologia - Brasil; Arquivista; Formação profissional; Pesquisa.

Introdução

As primeiras escolas de Arquivologia surgem no século XIX na Europa. Dessas escolas, umas têm como eixo um ensino voltado para a erudição histórica, como a École Nationale des Chartes, França, enquanto outras são prioritariamente ligadas à administração dos arquivos estatais, como é o caso das escolas italianas (EVANS, 1988 apud COUTURE, 2000)¹. No geral, a história domina os currículos dessas escolas e é, portanto, esse modelo de ensino que se expandirá para outros países, incluindo os Estados Unidos (LAJEUNESSE, 1986 e EASTWOOD, 1988 apud COUTURE, 2000). Devemos

¹ No século XIX assiste-se também à criação das seguintes escolas na Europa: 1854 (Escola de Viena, Áustria); 1856 (Escola de Madrid, Espanha); 1857 (Escola de Florença, Itália).

lembrar que esse vínculo estreito entre a história e o ensino de arquivologia é, em certa medida, consequência do forte empirismo, apoiado em fontes documentais, predominante na historiografia do século XIX.

No século XX, sobretudo a partir dos anos 30, assiste-se a inúmeras mudanças econômicas, técnicas e científicas que repercutem na Arquivologia, quais sejam: maior intervenção do Estado resultando numa produção massiva de documentos; aceleração dos desenvolvimentos tecnológicos, desenvolvimento da teoria arquivística e a expansão das atividades dos serviços de arquivo (EVANS, 1988 e DELMAS, 1988a apud COUTURE 2000). Os fundamentos da Arquivologia tradicional ampliam-se e tem-se, agora, uma formação dita “multifuncional” (MENNE-HARITZ, 1992 apud COUTURE, 2000). A partir dos anos 1940, - em função da realidade descrita anteriormente - tem início um questionamento sobre o lugar da história na formação dos arquivistas. Em 1975, Hugh Taylor desenvolve o seu conceito de “abordagem contextual”, o qual requer do arquivista um saber histórico específico²; em 1993, um grupo de estudos questiona-se sobre o papel do conhecimento histórico na formação arquivística (NESMITH, 1992 e HAM, 1993 apud COUTURE, 2000). Um debate sobre a formação de um “arquivista-historiador” ou um “arquivista profissional da informação” começa a delinear-se. Na verdade, três disciplinas apresentam-se, então, como responsáveis pela formação de profissionais da informação: Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. A Unesco entra em cena, na década de 1970, no sentido de buscar uma harmonização das três formações.

De fato, em 1974, a Unesco, com o apoio do Conselho Internacional de Arquivos (CIA), da Federação Internacional de Informação e documentação (FID) e da Federação Internacional das Associações de bibliotecários e de bibliotecas (IFLA), patrocinaria inúmeros encontros e estudos com o objetivo de estabelecer princípios que orientassem um conceito de harmonização e orientasse estratégias que favorecessem sua implementação (COOK, 1986; BOWDON, 1987; TEES, 1988 apud COUTURE 2000). Esse movimento culminaria com o Colóquio de Londres, em 1987, organizado pelas instituições citadas acima, tendo como tema a questão da harmonização das três formações.

Paralelamente, uma formação específica é harmonizada dos arquivistas começaria a ser objeto de preocupação da Unesco nos anos 1970. Com a finalidade de entender esse processo, examinamos os estudos publicados pela Unesco no âmbito do *Programme général d'information* (PGI). Isso nos mostrou que, desde o final dos anos 1970, aquela organização internacional preocupava-se com o tipo de formação desses profissionais. O britânico Michael Cook (1979) e o francês Bruno Delmas (1979) - este último professor na École Nationale des Chartes - foram os autores pioneiros nesse sentido. Em 1980, a Unesco, finalmente, lançaria um relatório de síntese sobre a harmonização da formação dos arquivistas (UNESCO,

² Esse conceito é recuperado em NESMITH, Tom. Hugh Taylor's contextual idea for archives and the foundation of graduate education in archival studies. In: CRAIG, Barbara L., éditeur. *The archival imagination: essays in honour of Hugh A. Taylor*. Ottawa: Association of Canadian Archivists, 1992b. p. 13-37.

1980). Entretanto, no bojo do movimento em torno da harmonização da formação envolvendo as três áreas citadas, a Unesco patrocinaria, a partir de meados dos anos 1980, estudos sobre a aproximação entre os arquivistas e outros profissionais da informação. É nesse contexto que são publicados, sob os auspícios da Unesco, em 1985, dois dos mais importantes estudos sobre o tema: o de Aurélio Tanodi (1985) para a América Latina e o de Jacques d'Orleans (1985), para a África.

Em 1988, como consequência dos estudos anteriores, a Unesco finalmente publicaria - sempre no âmbito do PGI - uma espécie de manual de orientação para o ensino de Biblioteconomia, de Ciências da Informação e de Arquivologia. De autoria de France Fontaine e Paulette Bernhard³, o estudo - intitulado *Principes directeurs pour la rédaction d'objectifs d'apprentissage en bibliothéconomie, en sciences de l'information et en archivistique* (Princípios diretores para a redação de objetivos de ensino de Biblioteconomia, de Ciências da Informação e de Arquivologia) - foi produzido no quadro de um acordo entre a Unesco e o Serviço Pedagógico da Universidade de Montreal (FONTAINE; BERNHARD, 1988). No prefácio da obra é possível vislumbrar, na perspectiva da Unesco, a possibilidade de formação de “especialistas da informação”:

Sabe-se que a prática profissional em Arquivologia, em Ciências da Informação e em Biblioteconomia evolui rapidamente e as novas especialidades que devem ser doravante ensinadas se multiplicam (...). É para facilitar a introdução desses domínios que esta série propõe e continuará a propor títulos sobre temas especializados da formação dos especialistas da informação (FONTAINE; BERNHARD, 1988, p. i, tradução e grifos nossos).

O firme engajamento da Unesco na aproximação entre as três áreas é anunciado também no prefácio da referida obra:

A única orientação importante que será mantida em todas as obras da série diz respeito à harmonização da formação. Isso significa que na medida do possível, a formação dos arquivistas, dos bibliotecários e dos especialistas da informação deve ser concebida de maneira concertada pelas diferentes instâncias encarregadas dessa formação. As razões teóricas e as vantagens práticas dessa abordagem foram estudadas e reconhecidas não apenas durante os trabalhos empreendidos pela Unesco, mas igualmente pelas organizações não governamentais como a IFLA, a FID e o CIA (FONTAINE; BERNHARD, 1988, p. ii, tradução e grifos nossos).

³ A primeira, docente da Escola de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Universidade de Montreal e a segunda, conselheira pedagógica da mesma universidade.

⁴ Assim mesmo, no plural.

Couture (2000) - com base em estudos de Lajeunesse (1986), Couture (1988) Unesco (1984), Blouin (1986), Warner (1986) e Saunders (1987) sobre o movimento de harmonização da formação das três áreas - sintetiza assim os rumos dos debates:

Nessa data [anos 1980] certas noções teóricas são consenso. A concepção integrada da Arquivística defendida pela Unesco é, geralmente, admitida, assim como o princípio de inscrever a Arquivística no domínio das disciplinas da informação. O conjunto dessas disciplinas enfrenta, de fato, os mesmos problemas: aumento do volume de material a tratar, diversificação dos usuários, adaptação às mesmas novas tecnologias e o número restrito de profissionais. A harmonização das formações permitiria, então, evitar a duplicação dos recursos e das infra-estruturas. (COUTURE, 2000).

Apesar desse aparente consenso, o pesquisador canadense nos lembra que autores como Michael Cook, um defensor da harmonização, mostrava-se, à época, reticente sobre o verdadeiro alcance desse movimento. “O respeito à especificidade das profissões, a inevitável resistência à mudança e a adaptação às condições históricas e sociais nacionais” seriam, dentre outros aspectos, barreiras à aplicação “cega” do conceito de harmonização. (COOK, 1986; SAUNDERS, 1987; COURRIER, 1988 apud COUTURE, 2000). Entretanto, independentemente dessas reticências, prossegue Couture, organizações e pessoas envolvidas no movimento pela harmonização elaboram uma lista das disciplinas curriculares que poderiam se constituir num tronco comum das três formações. Inicialmente, foram definidas, no âmbito da Unesco, três disciplinas curriculares comuns às três: gestão, tecnologia e estudos de usuários, às quais seriam acrescentadas, nos anos seguintes, dentre outras: conservação/preservação, análise documental, metodologia da pesquisa e uso da informação (LAJEUNESSE, 1986; WARNER, 1986; UNESCO, 1987; VALLEJO, 1987; COURRIER, 1988 apud COUTURE, 2000). Ao final da década de 1980, continua Couture, obtém-se um consenso sobre as disciplinas curriculares – e os seus respectivos conteúdos - do tronco comum das três formações, reconhecendo-se, contudo, que a “importância relativa das matérias e o nível de aprofundamento de seu estudo deveria variar segundo a especificidade de cada disciplina” (TEES, 1987; SAUNDERS, 1987 apud COUTURE, 2000).

Em termos práticos, observa Couture, somente duas escolas adotaram o modelo de formação harmonizada: uma no Senegal e outra em Gana. Aparentemente, o debate produzira muitos frutos, mas apenas no nível das proposições teóricas. Isso ficaria evidente, prossegue o autor, no XII Congresso Internacional de Arquivos, realizado em Montreal, Canadá, em 1992. Um trabalho apresentado por Menne-Haritz (1992 apud COUTURE, 2000) demonstra que “o movimento pela harmonização das três formações se enfraquecia em função de uma busca pela identidade profissional específica da Arquivística”. Nessa direção, Schaeffer (1994 apud COUTURE, 2000) argumentaria que somente depois que a “base teórica da Arquivística fosse definida é que a formação acadêmica poderia se integrar judiciosamente às outras disciplinas da informação”. Outros autores, por outro lado, defendiam uma abordagem convergente das disciplinas da informação e, nesse caso, a formação passaria por uma base teórica comum a todas, cuja

pedra de toque seria o conceito abrangente de informação tal como desenvolvido, dentre outros, por Paul Otlet (DESCHATELETS, 1995; PEMBERTON, 1995; PIGGOTT, 1995 apud COUTURE, 2000).

As disciplinas formativas do arquivista segundo a literatura especializada em língua inglesa e francesa

Num estudo desenvolvido por nós no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação científica (PIBIC) – cujos resultados foram apresentados no V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e publicado nos Anais do referido congresso (SOUSA; RODRIGUES, 2003) – buscamos identificar os conteúdos curriculares e as definições dos papéis e funções da profissão de arquivista na literatura em língua inglesa e francesa no período compreendido entre 1960 e 2000⁵. Nessa pesquisa, partia-se da premissa segundo a qual uma mudança radical vinha ocorrendo quanto às exigências informacionais da sociedade contemporânea, seja no âmbito de empresas e instituições públicas ou privadas ou simplesmente dos cidadãos e que, conseqüentemente, essas mudanças teriam repercussão nos tipos de funções e atividades exigidas dos profissionais da área de informação, particularmente dos arquivistas. Havia também o pressuposto de que as novas necessidades de tratamento, recuperação e disseminação das informações teriam implicações nos conteúdos curriculares e, até mesmo, na definição e objetivos da Arquivologia, tanto no seu campo teórico como prático.

A bibliografia analisada foi considerada qualitativamente relevante por trazer uma série de valiosas reflexões acerca da profissão de arquivista nos países desenvolvidos, bem como as reflexões de organismos internacionais (Conselho Internacional de Arquivos e UNESCO). Por outro lado, convém esclarecer que grande parte dos periódicos pesquisados tem como origem a Sociedade dos Arquivistas dos Estados Unidos.

Dos textos inicialmente levantados (132), foram selecionados 32 textos agrupados conforme os países e instituições internacionais (UNESCO e Conselho Internacional de Arquivos - CIA) e as décadas de publicação. Optou-se por dividir os quadros dos EUA em arquivista e *records manager* tendo em vista as especificidades da profissão naquele país. Nos EUA, existe a profissão de arquivista (*archivist*) e a de *records manager*, sendo que as duas profissões têm o mesmo objeto de estudo (os arquivos) com a diferença de que a primeira trata dos arquivos na fase permanente e a segunda, dos arquivos na fase corrente e intermediária. A maioria dos textos consultados origina-se, portanto, dos Estados Unidos e concentra-se na década de 1980. O Conselho Internacional de Arquivos/UNESCO vem logo em seguida, com 12,50%, o Canadá com 9,37% e o Reino Unido com 6,25%. Em termos de tipos de publicação, tem-se que 56% dos textos foram publicados em periódicos (90% desses periódicos pertencem à Sociedade dos Arquivistas

⁵ Os quadros detalhados com os resultados da pesquisa encontram-se em Sousa e Rodrigues (2003).

dos Estados Unidos), 22% em livros; as teses e as publicações da UNESCO tiveram participação de 12,50% da amostra.

Os resultados da década de 1960, para as publicações dos Estados Unidos, apontaram para o seguinte: as funções delineadas são de caráter técnico, englobam um conjunto de habilidades intelectuais gerais (gosto pelo detalhe, senso de ordenamento, gosto pela precisão, pensamento analítico, dentre outras). Dentre as habilidades tratadas, citam-se o atendimento ao usuário, a criação de instrumentos de pesquisa, as operações técnicas (remoção de clips, alfinetes, grampos e adesivos), as operações de arquivamento e acompanhamento de trâmite, a verificação das características diplomáticas dos documentos. Não há propostas de disciplinas para a formação do arquivista. Em relação às publicações da UNESCO/ CIA, aparecem como funções o tratamento das massas documentais, a conservação das fontes históricas, o acesso e a conservação dos documentos do país. As disciplinas tratam da formação cultural, o estudo da história, o trabalho prático, o estudo da teoria arquivística e a restauração e conservação dos documentos.

Para a década de 1970, os resultados apresentaram-se da seguinte maneira:

a) **EUA:** as funções tratadas relacionam-se às atividades arquivísticas típicas (classificação, avaliação, preservação, acesso, custódia), ao atendimento ao usuário, à realização de exposições e de publicações. As disciplinas recomendadas não chegam a ter diferenças significativas daquelas que, tradicionalmente, fazem parte do currículo do arquivista.

b) **França:** o perfil que se delinea é resultado de uma formação altamente erudita. As disciplinas tratam dos diversos níveis de estudo da história (regional, local e nacional) e suas ciências auxiliares (inclusive com o estudo do latim e do latim medieval), a teoria e técnica arquivísticas, a arqueologia, a legislação arquivística e o trabalho com material audiovisual. Ressalte-se que, neste caso específico, trata-se da formação clássica na École Nationale des Chartes.

Para a década de 1980, o quadro configurava-se da seguinte maneira:

a) **EUA:** a maioria (61,90%) dos textos concentra-se nessa década. Analisando-se as disciplinas recomendadas pelos especialistas, verifica-se a predominância das funções voltadas para o atendimento ao usuário de arquivos, para a pesquisa e para a gestão de recursos humanos e materiais. As disciplinas recomendadas seguem essa tendência, inclusive com a orientação de se incluir uma disciplina voltada exclusivamente para o atendimento de genealogistas. A novidade fica por conta da pesquisa *on-line* (o que indica o interesse despertado pela *Internet*). Os títulos dos artigos indicam o interesse pelo debate sobre a teoria arquivística, a importância

da pesquisa nos arquivos, os problemas relacionados com o direito autoral, o papel das associações profissionais e a formação do arquivista. Quanto aos textos que tratam da profissão de *records manager*, verifica-se a preocupação com a gestão e recuperação de documentos e a gestão de equipamentos e de tecnologia. Os textos não propõem novos papéis para o *records manager* subtendendo-se que a profissão está mais consolidada se comparada à de arquivista.

b) **UNESCO/ CIA:** semelhantemente ao que acontece com as publicações originárias dos EUA, a maioria dos textos concentra-se nessa década (75%), mas tratam mais especificamente da profissão de arquivista. De todos os textos estudados, o de Michael Cook, encomendado pela UNESCO/ CIA (*Guidelines for curriculum*, 1982), é o único que apresenta um currículo global para a formação de arquivistas e do *records manager*. O autor não faz uma separação rígida entre as funções de arquivista e de *records manager*, critica a existência de duas profissões que tratam do mesmo objeto (os arquivos) e propõe a fusão das duas profissões em uma só. Uma das disciplinas propostas e que merece destaque é a “ciência da informação” o que demonstra a preocupação de Cook em incluir a Arquivologia no rol das Ciências da Informação. As outras disciplinas sugeridas nos demais textos também destacam a necessidade da pesquisa, introduz o controle de qualidade nos arquivos e traz preocupações com a gestão dos documentos eletrônicos e o uso de sistemas automatizados de recuperação da informação. As disciplinas relacionadas à ética profissional são bastante recomendadas. O estudo da História em vários níveis (regional, local e nacional) e tipos (história administrativa) é objeto de preocupação dos especialistas bem como as disciplinas voltadas para o atendimento ao usuário. Verifica-se a preocupação com o estudo das fontes orais de informação e com os direitos, a preservação da memória nacional ou institucional; a proteção aos direitos, a posse da terra e a delimitação das fronteiras.

c) **Reino Unido:** as disciplinas tradicionais do currículo de arquivista são basicamente as mesmas sugeridas nos EUA e pela UNESCO/ CIA. Destacam-se as disciplinas relacionadas às técnicas de exposição e ao estudo de usuários. A recomendação de novas disciplinas limita-se àquelas relativas ao *marketing*, o que pode sugerir o interesse em se divulgar os serviços arquivísticos e o profissional de arquivos.

Quanto aos resultados para a década de 1990, obteve-se o seguinte:

a) **EUA:** as preocupações fundamentais são a busca de uma garantia da autenticidade dos documentos de arquivo que possibilitem determinar quais atividades organizacionais serão documentadas; garantam a criação e a retenção de documentos autênticos e providenciem seu uso, possibilitem o acesso e criem meios alternativos para a conservação de documentos. As

disciplinas recomendadas focalizam a operacionalização de um conjunto de regras e procedimentos que visam a manter a capacidade de o documento servir de prova de ações e garantia de direitos. Assim, o arquivista deve criar um conjunto de regras para a criação de documentos e estabelecer as atividades da organização que serão documentadas. Além disso, recomenda que o arquivista deve prestar assessoria às organizações no que diz respeito à adoção de políticas de segurança na criação de documentos de arquivo. Outras disciplinas tratam dos dados comunicados nas redes e da necessidade de se criarem regras para o arquivamento ou retenção automáticos desses dados. Há uma inovação quanto à função “descrição” uma vez que se recomenda a descrição das atividades geradoras e não apenas dos documentos resultantes. O atendimento ao usuário completa-se com o papel proposto ao arquivista de criar serviços de *fax* e de *sites de ftp* que possam entregar os documentos eletronicamente ao usuário conforme suas necessidades. Procura-se, nesse contexto, entender os diversos usos dos arquivos para facilitar a produção dos instrumentos de pesquisa. A produção de metadados é uma das disciplinas citadas para facilitar o acesso.

b) **Canadá:** a disciplina ciência da informação faz parte dos currículos de formação, a influência das tecnologias da informação faz-se sentir nas práticas arquivísticas e as disciplinas da história continuam a fazer parte do currículo. O perfil delineado indica um arquivista preocupado em integrar o valor primário e o valor secundário dos documentos de arquivo e capaz de intervir em todos os estágios do ciclo de vida documental. A avaliação da informação continua sendo uma preocupação, incluindo-se a avaliação da informação administrativa.

Quanto aos resultados relacionados à bibliografia produzida no ano de 2000, obteve-se o seguinte quadro:

a) **EUA:** não há recomendações para uma formação futura para os profissionais de arquivo. Os textos limitam-se a descrever as disciplinas que tradicionalmente fazem parte do currículo: As disciplinas citadas mostram um profissional voltado para os métodos de preservação e conservação de documentos de arquivo, os métodos de arquivamento, o uso do computador como instrumento de trabalho, a avaliação, o desenvolvimento de coleções e a gestão de documentos de arquivo. Além disso, o profissional é treinado para enfrentar desastres que possam afetar o acervo.

b) **Canadá:** há indicações de um interesse crescente em se discutir a ciência e o profissional de Arquivologia. O perfil definido mostra um profissional que preserva o autêntico registro da memória da sociedade, serve de mediador entre o criador e o pesquisador de documentos de arquivo, administra pessoas e recursos de todos os tipos — tais como restauradores, estatísticos e projetores de bancos de dados — e preserva os documentos de arquivo autênticos para as

próximas gerações. Além dessa formação acadêmica, delinea-se que o arquivista deva ser neutro e objetivo, não aderindo a qualquer ideologia ou a quaisquer interesses pessoais.

O quadro atual da formação nos países de língua francesa da Europa e no Canadá

Nesta seção, apresentaremos um panorama de uma pesquisa ainda em fase de levantamento. Buscamos traçar um panorama de como se encontra distribuída, atualmente, a formação do arquivista, em nível universitário, na Europa de língua francesa e no Canadá e quais são as suas características principais. Esse recorte — ainda preliminar — é parte de uma pesquisa maior sobre a constituição da Arquivologia como disciplina científica que inclui a sua institucionalização na Academia, portanto a formação acadêmica. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em língua francesa, selecionando as indicações de instituições de ensino e um levantamento na Internet utilizando como descritores os termos *archivistique, enseignement, formation, universités; archival science; archival training; archivist; universities*. Para o levantamento das informações sobre as universidades de língua inglesa do Canadá, utilizamos também dados da Associação dos Arquivistas do Quebec. Os resultados foram sintetizados em quadros⁶, com a seguinte estrutura: país, universidade/outros (para contemplar a formação que se dá numa parceria entre a universidade e associações de classe, por exemplo), data de criação do curso, unidade acadêmica de vinculação, duração do curso, tipo de diploma oferecido, características do curso (projeto pedagógico, objetivos, etc.).

Pode-se constatar, com base no levantamento, que, hoje, a formação em arquivística na França, Bélgica, Suíça e Canadá é uma responsabilidade das universidades, seja em nível de especialização ou de ensino profissionalizante. Em termos de uma formação voltada mais para a pesquisa, tem-se, tanto na França, como no Canadá, a possibilidade de se desenvolver um mestrado e/ou doutorado com temas arquivísticos. Observa-se uma forte influência das associações de arquivistas nacionais no sentido de incentivar uma formação nas universidades; seja de forma isolada ou em parceria com as próprias associações.

A configuração da pesquisa em Arquivística no plano internacional⁷

Um dos estudos mais importantes sobre o estado atual da pesquisa em Arquivística no mundo é o dos professores e pesquisadores canadenses Couture, Martineau e Ducharme (1999), da Universidade de Montreal. O programa de pesquisa — financiado pelo *Conseil National de Recherche en Sciences*

⁶Por questão de espaço, os quadros não são apresentados neste texto.

⁷O conteúdo desta seção e das duas seguintes encontra-se mais detalhado em RODRIGUES e MARQUES, Angelica Alves da Cunha (2005); RODRIGUES e ALVES (2003a e 2003b).

Humaines du Canada (CRSHC) - tinha, na verdade, como objetivo geral, traçar um amplo panorama da Arquivística no mundo, estruturado em três etapas, executadas em tempos diferentes: legislação e políticas nacionais arquivísticas, realizada entre 1988 e 1991; os princípios e as funções arquivísticas, ou seja, os fundamentos da disciplina, de 1991 a 1994 e, de 1994 a 2000, foi realizado um estudo sobre a situação do ensino e da pesquisa em arquivística (COUTURE, 2001-2002). Uma parte importante da pesquisa consistiu numa revisão da literatura com o objetivo de mapear o estado da arte sobre o tema da “pesquisa em arquivística”.

Das conclusões anunciadas - tanto na obra traduzida no Brasil, em 1999 (COUTURE; DUCHARME; MARTINEAU) - quanto no artigo de Couture (2001-2002), destacaremos alguns aspectos relacionados especificamente à pesquisa em Arquivística. O primeiro diz respeito à importância atribuída à pesquisa pela maioria dos autores referenciados:

A pesquisa em arquivística se desenvolve pouco a pouco, ao modo da disciplina. A maior parte dos autores está de acordo para afirmar que ela é essencial ao seu desenvolvimento. [...] demo-nos conta da importância que se reveste a formação e a pesquisa para a arquivística contemporânea (COUTURE; MARTINEAU; DUCHARME, 1999, p. 71-72).

Dois outros aspectos, bastante interessantes, apontados no artigo de síntese de Couture (2001-2002) sinalizam para dois problemas que, parece-nos, estão bem próximos da realidade brasileira, isto é, a deficiência numérica de pesquisadores, além da natureza ainda marginal das atividades de pesquisa e das dificuldades de se obter financiamento institucional para desenvolver pesquisas:

Do ponto de vista da pesquisa, a ameaça é igualmente de ordem quantitativa. O leque de temas a ser estudado é de tal monta que um número restrito de pesquisadores trabalha sobre cada um deles. A isso se acrescentam outros fatores de precariedade, tais como a natureza marginal das atividades de pesquisa e as dificuldades de seu financiamento. (COUTURE, 2001-2002, p. 43-44, tradução nossa).

Outro estudo que deve ser destacado, pois também buscou compreender o desenvolvimento da Arquivística no âmbito acadêmico, na Espanha, é o de Bonal Zazo (2003)⁸. Embora com objetivos mais limitados que os de Couture e sua equipe, esse trabalho é interessante porque buscou “identificar as universidades espanholas mais produtivas na área, os principais temas de interesse de pesquisa e a evolução cronológica da produção” (p. 351, tradução nossa). Algumas de suas conclusões, como veremos a seguir, vão ao encontro de algumas de nossas hipóteses com relação a algumas características da disciplina arquivística no Brasil. Bonal Zazo parte do pressuposto de que a Arquivística, como disciplina científica, sofreu uma transformação radical na Espanha nos últimos anos e ocupa, naquele país, um lugar “adequado” no cenário nacional das ciências da documentação. O autor atribui essa situação favorável a alguns fatores,

⁸ Trabalho apresentado no *Primer Congreso Universitario de Ciencias de la Documentación*, Espanha, 2003.

tais como: legislação dos arquivos, desde 1985; o elevado grau de associativismo profissional, com o surgimento, em meados dos anos 1980, início dos 90, de novas associações; a constituição de inúmeros grupos de trabalho. Mas, destaca, foi a introdução da disciplina no meio acadêmico, no início dos anos 1980, no contexto dos estudos universitários de Biblioteconomia e Documentação que, de fato, propiciou o seu desenvolvimento (BONAL ZAZO, 2003, p. 351).⁹ Os estudos arquivísticos, na Espanha, estão, na verdade, distribuídos entre várias universidades, mas ainda sem diploma específico em nível de graduação (RODRÍGUEZ BARREDO, 2001; VERHELST; SCHEELINGS, 2000).

Dentre as conclusões do estudo de Bonal Zazo, dois aspectos se destacam. Um deles, relacionado diretamente à natureza das pesquisas desenvolvidas em Arquivística nas universidades espanholas; o outro, diz respeito às diferenças de enfoque dos trabalhos originados nas universidades e aqueles cuja origem encontra-se no meio profissional. Quanto ao primeiro aspecto, o autor constatou que há uma predominância da multidisciplinaridade nesses estudos. Segundo ele, a maioria das pesquisas produzidas nas universidades procede do campo das humanidades e são também inúmeros os estudos procedentes de disciplinas como o direito, a informática e as ciências da informação, dentre outras. Uma segunda característica geral desses trabalhos acadêmicos é a presença de uma diversidade de metodologias de pesquisa e de enfoques de análise. O autor conclui ser isso resultante do caráter multidisciplinar da disciplina. Em relação aos artigos publicados por profissionais fora das universidades, ele constata que estes últimos estão mais preocupados com questões pontuais e técnicas.

Em linhas gerais, há, segundo Bonal Zazo, uma:

[...] notável diferença de interesse entre os temas de pesquisa universitários e os realizados por profissionais: enquanto os primeiros se orientam para questões teóricas relacionadas, sobretudo, com o estudo do patrimônio documental, os segundos centram sua atenção no estudo de temas de caráter prático, relacionados com o desenvolvimento do exercício profissional. (BONAL ZAZO, 2003, p. 358, tradução nossa).

O percurso da formação em Arquivologia no Brasil: da graduação à pesquisa

A formação de nível superior em Arquivologia, no Brasil, ocorreu na década de 70 do século XX¹⁰, quando da criação dos primeiros cursos de graduação nas universidades públicas: em 1977, na Universidade Federal de Santa Maria e na Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO e, em 1979, na Universidade Federal Fluminense - UFF. Além disso, é naquela década que o movimento associativo congregando os profissionais da área tem início, com a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros,

⁹ O autor observa, contudo, que antes da introdução da Arquivística como disciplina, algumas universidades espanholas já haviam incorporado estudos relacionados com os arquivos e a Arquivística.

¹⁰ Segundo Britto (apud JARDIM e FONSECA, 1999, p. 53) e Castro, Castro e Gasparian

em 20 de outubro de 1971 (BOTTINO, 1994, p. 12). No início dos anos 2000, o Brasil já contabilizava nove cursos de graduação em Arquivologia (RODRIGUES; MARQUES, 2005).

Até a criação dos cursos de graduação em Arquivologia, as reflexões sobre a área originavam-se basicamente nas instituições arquivísticas e estavam estreitamente vinculadas às necessidades de resolução dos problemas que se impunham no cotidiano dessas instituições quanto ao tratamento dos seus acervos arquivísticos. Nesse aspecto, o Arquivo Nacional desempenhou um papel fundamental: formou técnicos de alto nível, produziu uma bibliografia técnica importante; traduziu e divulgou autores essenciais para a Arquivologia¹¹. Entretanto, como destacado por Rousseau e Couture (1998, p. 257), a formação e a pesquisa em Arquivística não é a finalidade dos Arquivos Nacionais. À semelhança de outras disciplinas, prosseguem os autores, é essencial que tanto a formação quanto a pesquisa em Arquivística devam ser confiadas “às instituições que são as únicas a dispor de experiência, dos instrumentos e da credibilidade social para o fazerem, isto é, os estabelecimentos de ensino superior, universidades ou instituições do mesmo tipo, conforme os países”. Da mesma forma, ponderam os autores, essas não são tarefas das associações profissionais. Pelo menos não isoladamente, acrescentaríamos.

As raízes essencialmente práticas da disciplina, mesmo no plano internacional, como alguns autores já demonstraram (ROUSSEAU; COUTURE, 1998; SILVA et al, 1999), pode ser uma das razões que, no caso brasileiro, explicaria o fato de a pesquisa em Arquivística ainda ser pouco desenvolvida. Por outro lado, a criação e a ampliação dos cursos de graduação em Arquivologia são um dos fatores que podem explicar a existência, sobretudo a partir dos anos 1990, de pesquisas na área, pela presença de, por exemplo, professores dos Cursos de Arquivologia nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação. Os profissionais com graduação em outras disciplinas (história, na sua grande maioria) e com destacada atuação na prática arquivística, também se sentiram motivados a aprofundar suas experiências na Academia, agora na Pós-graduação. O documento *Avaliação & Perspectivas*¹² (CNPq, 1978, p. 57) já constatava:

Reconhece-se, porém, que o desenvolvimento da pós-graduação está diretamente ligado ao ensino da graduação, pois é a necessidade de formação de docentes qualificados em nível

(1988, p. 47), em 1972, o então Conselho Federal de Educação concedeu às universidades brasileiras o poder de organizar programas de graduação em Arquivologia, por meio do Decreto nº 212, de 7 de março, que sugere a criação de uma Escola Superior de Arquivo.

¹¹ Dois dos mais importantes pesquisadores brasileiros da área têm sua origem profissional no Arquivo Nacional e fazem atualmente parte do corpo docente do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFF.

¹² Trata-se de um documento publicado pelo CNPq, resultado da avaliação de grupos de trabalhos compostos de especialistas das diversas áreas do conhecimento. Todas as citações às quais nos referimos aqui estão no capítulo “Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia” (CNPq, 1978, p. 46-67). Participaram da elaboração do documento os seguintes especialistas: Abigail de Oliveira Carvalho (Coordenadora, CNPq), Afrânio Carvalho Aguiar

de mestrado que tem atuado, principalmente, como motivação para criação dos cursos de pós-graduação.

E, mais adiante, o documento ressaltava que:

Entre os obstáculos à pesquisa e ao desenvolvimento destaca-se a carência de recursos humanos especializados, tanto em termos de qualidade quanto de quantidade (...). No caso da Arquivologia, o quadro é muito mais grave, pois somente agora se inicia o processo de implantação dos cursos de graduação em instituições universitárias. (CNPq, 1978, p. 63, grifos nossos).

O mesmo estudo, nas suas recomendações finais, indicava a necessidade de se implantar programas de doutoramento que atraíssem candidatos com “graduação diversificada”, mas que tivessem “condições e interesse em voltar-se para pesquisa em Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação” (CNPq, 1978, p. 66). Gostaríamos, ainda, de destacar que essas recomendações alertavam, também, para a necessidade de se “desenvolver um projeto específico para formação de mestres e doutores em Arquivologia” (p. 66). Em outro volume de *Avaliação & Perspectivas* (CNPq, 1983), novo Grupo de Trabalho¹³ traçou o percurso e tentou esboçar um retrato das Ciências da Informação no Brasil. Num intervalo de cinco anos desde a publicação da primeira avaliação das áreas, novamente, no que diz respeito a Arquivologia, ressaltou-se a baixa formação de especialistas no âmbito da pós-graduação e pesquisa.

Assim, do que foi dito anteriormente, pode-se observar que os diagnósticos apontam para um vínculo entre a graduação e a pós-graduação, fato que gostaríamos de destacar no caso particular da Arquivologia. Então, a criação dos cursos de graduação talvez seja o grande marco definidor dos rumos da pesquisa em Arquivística no País. Ou, segundo Garon (1990, apud COUTURE; MARTINEAU; DUCHARME, 1999, p. 51) isso propiciou a emergência de uma “cultura de pesquisa” na área. De

(Programa de Informação em Ciência e Tecnologia - Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais), Ana Maria Athayde Polke (Escola de Biblioteconomia/UFMG), Antônio Agenor Briquet de Lemos (Redator, UnB, à época Departamento de Biblioteconomia/Faculdade de Estudos Sociais Aplicados), Jannice de Mello Monte-Mór (Biblioteca Nacional/MEC), Maria Lúcia Andrade Garcia (Index

- Informações Científicas e Técnicas S/C, MG), Terezine Arantes Ferraz (Divisão de Informação e Documentação Científica/Instituto de Energia Atômica), Zila da Costa Mamede (Biblioteca Central/UFRN). Deve-se notar que na composição desse Grupo de Trabalho não havia ninguém da Arquivologia, fato, aliás, assinalado no documento (p. 51). Entretanto, ressaltamos que, apesar disso, o entendimento da área, de seu objeto, seus problemas e suas perspectivas estão bem avaliados. Mesmo porque o Grupo utilizou documento s importantes e fundamentais produzidos pela Unesco sobre o tema.

¹³ As redatoras dessa avaliação foram: professora Suzana Pinheiro Machado Mueller (UnB, do então departamento de Biblioteconomia, hoje departamento de Ciência da Informação e Documentação) e Nilza Teixeira Soares (à época, servidora da Câmara dos Deputados/Coordenação de Arquivo).

fato, para esses autores, a pesquisa é uma atividade que necessita não apenas de “dinheiro e cérebros”, mas “exige também uma cultura, uma ambiência e um meio que favoreça ao máximo seu resplendor”.

Na verdade, Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 51) corroboram o que já é consenso entre os cientistas, isto é, o de que “a pesquisa tem a necessidade de que se registrem seus resultados, que sejam transmitidos, difundidos com a ajuda de diferentes meios, tais como revistas especializadas, os congressos, os encontros e o ensino universitário”. Quanto a isso, não é por acaso que a produção científica e a sua comunicação é um dos objetos de estudo da Ciência da Informação (MEADOWS, 1999; MUELLER; PASSOS, 2000). No caso da Arquivologia, pelas razões já apontadas anteriormente, as publicações especializadas têm sua origem nas instituições arquivísticas e servem, com poucas exceções, para divulgar os trabalhos desenvolvidos na própria instituição, incluindo-se avaliações relacionadas aos seus usuários. São essas instituições que publicam periódicos especializados, como é o caso da revista *Acervo*, editada pelo Arquivo Nacional ou de publicações de associações profissionais, a exemplo da revista *Arquivo & Administração*, publicada pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), apenas para lembrar duas das publicações mais antigas. Nesse aspecto, precisamos lembrar o trabalho de Jardim (1998) o qual, pela primeira vez, buscou sistematizar e analisar a produção e comunicação do conhecimento arquivístico no Brasil, por meio de um levantamento dos artigos publicados no País em periódicos de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Administração e História.

Reconhecida, no plano da formação acadêmica, como um bacharelado, a Arquivologia seria posteriormente também reconhecida por uma Agência nacional de fomento à pesquisa. Com efeito, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) incluiria, em 1981, a Arquivologia como uma subárea da área de Ciência da Informação, ambas abrigadas na grande área “Ciências Sociais Aplicadas”¹⁴ contribuindo, dessa forma, no processo de reconhecimento institucional da disciplina. Tal decisão seguia a tendência preconizada internacionalmente pela Unesco nos anos 1980, como assinalado anteriormente. Sinal dos novos tempos, hoje, a Tabela de Classificação das áreas do CNPq está sendo revista por uma comissão específica para esse fim. Na proposta preliminar do CNPq¹⁵ a Arquivologia passa a ser uma área independente, vinculada à grande área “Ciências socialmente aplicáveis” (terminologia controversa, criada nessa nova tabela), ficando assim subdividida:

11. Área – Arquivologia:

Fundamentos da Arquivologia

Gestão Arquivística
Técnicas Arquivísticas
Arquivologia Especializada

Dessa forma, considerando-se a situação atual da Arquivologia no Brasil - que já conta com 9 cursos de graduação, com pesquisadores e estudos nas universidades e uma crescente presença profissional no mercado de trabalho, além de uma forte participação das instituições arquivísticas nos debates e reflexões sobre o fazer da área - acredita-se que é o momento de uma reflexão mais aprofundada sobre a sua trajetória no que diz respeito à pesquisa, particularmente aquela realizada no âmbito dos Programas de Pós-graduação. É o momento buscarmos desvincular a imagem que normalmente se tem da disciplina, isto é, como sendo eminentemente técnica¹⁶. Nesse sentido, convém evocar novamente o documento do CNPq *Avaliação & Perspectivas* (CNPq, 1978, p. 52):

O fato de a Biblioteconomia e a Arquivologia estarem voltadas para a aplicação de técnicas não quer dizer que no seu âmbito não se realizem pesquisas ou se produzam novos conhecimentos, da mesma forma que a Ciência da Informação não é exclusivamente teórica e desvinculada de aplicações práticas (grifos nossos).

A formação em Arquivística nos Programa de Pós-graduação no Brasil

Segundo González de Gomes (2003, p. 41), a partir das reflexões de Lenoir (1997), os programas de pesquisa – que se concentram na resolução de problemas, são atrelados a nichos institucionais de inovação, possuem grande influência de técnicas e descobertas de outras áreas, são fortemente associados a uma base instrumental e têm seu sucesso explicado somente em parte pelo poder cognitivo da base de pesquisa desenvolvida – constituem “uma complexa ecologia de agentes, instituições, processos e produtos dos conhecimentos”. Nesse sentido, julgamos pertinente eleger como universo de pesquisa – para compreender o *status* da Arquivologia como uma disciplina também voltada para a pesquisa científica, logo, para a produção de conhecimento – os espaços institucionais universitários. Deve-se ressaltar, também, que essa opção passa pelo conceito de “campo científico” de Bourdieu (1983), isto é, estamos inscrevendo a nossa análise partindo do pressuposto de que a Arquivologia passou – e passa – por uma

¹⁶ A formulação do Princípio de respeito aos fundos em 1841, na França, viria a demonstrar que, de fato, a Arquivologia poderia se constituir numa disciplina específica, desvinculando-se dos princípios biblioteconômicos. Pela primeira vez, se afirmava que os documentos de arquivos eram produzidos e acumulados de forma totalmente diferente de outros documentos, inclusive os de biblioteca. Isso teria repercussões na abordagem dos arquivos, na sua organização e interpretação. O uso, digamos, das “técnicas” de catalogação utilizadas para os livros seria uma forma de descaracterizar os documentos arquivísticos, fazendo com que estes perdessem sua integridade e organicidade.

¹⁴ Nessa área encontram-se classificados: Direito, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Regional e Urbano; Demografia, Ciência da Informação, Museologia, Comunicação, Serviço Social, Economia Doméstica, Desenho Industrial e Turismo. Em Ciência da Informação, encontram-se a Teoria da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivologia.

¹⁵ Acessível em <http://www.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>

“luta pela autoridade científica” (BOURDIEU, 1983, p. 127). O acalorado debate recentemente veiculado na Internet sobre se a Arquivologia deveria se tornar ou não independente da Ciência da Informação é um indicador dessa premissa. Em última instância, dentre outros aspectos, é a disputa pelos recursos financeiros das agências financiadoras que está em jogo.

No nosso recorte metodológico, portanto, identificamos inicialmente os programas de pós-graduação no Brasil que poderiam, em princípio, abrigar linhas de pesquisa ou temáticas próximas da Arquivística, distribuídos em universidades federais. De antemão, esclarecemos que, embora os cursos de pós-graduação *lato sensu* pareçam ocupar um papel considerável na formação dos arquivistas, não os consideramos, por enquanto, no universo pesquisado pela dificuldade de mapeá-los e qualificá-los, particularmente quanto às monografias produzidas nesses cursos¹⁷. Alguns aspectos abordados no nosso programa de pesquisa já foram recentemente objeto de uma tese de doutorado cujos resultados também foram publicados em livro (FONSECA, 2005).

Para a nossa pesquisa, identificamos os seguintes Programas de Pós-graduação: Ciência da Informação, Comunicação, Biblioteconomia e História, num total de 13 Programas. A inclusão do Programa de Pós-graduação em História Social da USP deve-se à representatividade da Arquivística numa linha de pesquisa desse Programa. Por outro lado, numa etapa posterior da pesquisa, identificamos mais um Programa – o mestrado em Administração da UFSC – que também se enquadrava no tema pelas suas linhas de pesquisa. É importante ressaltar que o *locus* institucional da Arquivística, o porquê de a disciplina estar num ou noutro departamento ou faculdade/instituto é um debate em aberto, como nos lembra Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 33):

[...] a questão da instituição de vinculação – departamento de história, biblioteconomia/ciências da informação – fez com que se gastasse bastante tinta desde o início do século XX. Na década de 80, chegou-se a um ‘consenso apático’, o qual consiste em aceitar, indiferentemente, todas as fórmulas possíveis.

A constatação acima foi apresentada de uma maneira mais detalhada pelo Coordenador da pesquisa, Couture (2001-2002), num artigo publicado na revista *Archives*. Nesse texto, o autor mostra que das 67 instituições pesquisadas (70 países), cujas respostas aos questionários puderam ser analisadas quanto ao vínculo departamental e de Escolas que ofereciam formação em Arquivística, percebeu-se, de fato, uma dispersão da formação entre diferentes departamentos/Escolas. Mas ficou claro, pelos dados,

que essa formação se concentra em: Biblioteconomia e em Ciência da Informação (17 = 25%); Arquivística (21 = 31%) e História (13 = 19%)¹⁸. Esse resultado fez o autor tecer as seguintes considerações:

Defendida por vários autores, a corrente que apóia a integração [da arquivística] às ciências da informação é majoritária em relação às outras tendências e se assiste progressivamente, nesses últimos anos, à inserção do termo arquivística na denominação desses departamentos. (COUTURE, 2001-2002, p. 23, tradução nossa)

Para nós, parece evidente que o vínculo institucional da Arquivologia, como curso de graduação, num ou noutro departamento/instituto/faculdade, pode ter implicações no tipo de desenvolvimento das pesquisas na Pós-graduação: os temas, tipos de abordagem, os métodos, os autores, etc. Parte do nosso programa de pesquisa precisa identificar, então, o *locus* institucional da Arquivologia e, para isso, elaboramos uma primeira planilha que identifica esses espaços, com base no mapeamento dos seguintes dados: a) identificação dos cursos de Arquivologia no Brasil, os departamentos e os institutos/faculdades/centros de vinculação, o ano de criação do curso e o estado da federação onde se encontra a universidade. Em seguida, buscou-se verificar se há ou não programa de pós-graduação no departamento ao qual o curso de Arquivologia está vinculado e a participação, em número, de docentes de Arquivologia nos respectivos Programas de Pós¹⁹. Foram mapeados os Programas de Pós-graduação²⁰, os níveis dos cursos (mestrado / doutorado), ano de criação, área de concentração e as linhas de pesquisa. A identificação das linhas de pesquisa tem como objetivo verificar se elas sugerem, pelo título, a possibilidade de pesquisas com temas arquivísticos²¹. Embora com algumas ressalvas, consideramos que as informações levantadas espelham a inserção dos Programas em determinada área do conhecimento e, dentro desta, com recortes específicos. Por outro lado, pensa-se que ao longo da pesquisa será necessário ampliar o levantamento de dados, por exemplo, para todos os programas de Pós em Comunicação, se quisermos ter um panorama mais real da produção científica em Arquivística na Pós-graduação. De toda forma, é importante destacar que as informações relacionadas ao enquadramento das teses e dissertações ainda devem ser relativizadas, embora sejam bastante próximas da realidade. Um dos problemas é a dificuldade de classificá-las apenas pelos títulos²².

¹⁸ Os outros foram: Documentação (4 = 6%); Patrimônio (1 = 2%) e fora de departamentos (3 = 5%). O autor explica que estes últimos são diretamente ligados a uma Faculdade ou à Direção da Universidade.

¹⁹ Como esses dados ainda são muito inconsistentes, optamos por não incluí-los aqui.

²⁰ Para a identificação inicial dos programas de Pós-graduação em Ciência da Informação foi importante a pesquisa de Población (2005), quando foram identificados nove cursos: IBICT/UF RJ, PUCCAMP, UFBA, UFMG, UFPB, UFSC, UnB, UNESP e USP. Lembramos que o curso do IBICT agora está na Universidade Federal Fluminense – UFF, conforme convênio firmado em 2003.

²¹ Os quadros não constam neste texto por falta de espaço. Para maiores detalhes, consultar Rodrigues e Marques (2005).

²² Evidentemente, a principal fonte de informação para isso é o Portal da Capes. Muitas vezes, os sítios das Universidades e/ou dos Programas apresentam informações

¹⁷ Pela sua regularidade, antiguidade, vínculo institucional e perfil do corpo docente, o Curso de Especialização em Arquivos da Universidade de São Paulo, que funciona desde 1986, no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), deverá ser incluído no universo da pesquisa, assim como o mestrado profissionalizante da FGV/CPDOC que abriga uma linha de pesquisa denominada “acervo e informação”, cuja descrição demonstra claramente que o seu objeto são os arquivos.

Considerações finais

A formação do arquivista passou por mudanças significativas e fundamentais, desde o século XIX. Estas transformações passam seja pelo deslocamento ou pela ampliação dos locais de formação, assim como pelas disciplinas e conteúdos curriculares exigidos. Ainda que permaneça um “núcleo” erudito na formação, o advento das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) e as exigências da denominada sociedade da informação parecem ter um papel decisivo nessas transformações.

A pesquisa na literatura especializada da área, em língua inglesa e francesa, apontou para algumas questões interessantes. O profissional de Arquivologia teve seu papel, sua denominação e sua formação revistos conforme as influências das mudanças ocorridas nas teorias da administração e nos problemas surgidos com a maior difusão do uso da informática e do registro da informação em suporte eletrônico. Contudo, a base fundamental sobre a qual está assentada a Arquivologia e o papel de seu profissional continua com o mesmo núcleo central: fornecer a informação orgânica e registrada ao seu usuário gerador (na fase corrente e intermediária) e torná-la acessível ao usuário pesquisador (na fase permanente ou histórica), além da manutenção da integridade e segurança dessa informação com os menores custos possíveis. A tendência apontada para o futuro, segundo a literatura pesquisada, é a de que o arquivista deveria ser um profissional com competência para organizar cientificamente e tornar acessível um conjunto dinâmico de informações registradas em suportes diversos — sejam eles os suportes tradicionais (papel e microfilme) ou os suportes surgidos com a informática (CD-ROM, disquete, DVD etc.) —; tenha capacidade de lidar com o usuário final e seja capaz de elaborar projetos e calcular os custos dos serviços arquivísticos e trabalhar em equipe junto com outros especialistas. Além dessas características, espera-se que o profissional exerça suas funções de modo ético, neutro e transparente e garanta a salvaguarda dos direitos autorais e da privacidade e a acessibilidade aos documentos cuja consulta é franqueada ao público.

Examinando-se a maioria das descrições dos cursos nas universidades européias estudadas neste trabalho, constata-se que há uma tentativa de responder aos desafios impostos à Arquivologia contemporânea, o que inclui as demandas do mundo do trabalho, às expectativas dos profissionais por um ensino técnico que alie tradição e modernidade. A razoável oferta de cursos abordando temáticas arquivísticas demonstra, de fato, uma expansão da profissão. Um outro aspecto interessante é a preocupação com o tema da memória que também contribui para esse florescimento da profissão, ao qual se acrescentam as necessidades da “sociedade da informação”. À profissão associam-se, ainda, responsabilidades como procedimentos de certificação e de qualidade nas organizações, implicando numa gestão rigorosa dos documentos e de seu arquivamento. Os arquivistas, pela própria descrição de suas atividades, são responsáveis pela memória futura. O desenvolvimento acelerado da informática nas organizações e nas instituições leva a uma obsolescência sem precedentes dos suportes tradicionais o que traz problemas

contraditórias. Muitas informações foram complementadas por meio de telefonemas às instituições.

cruciais para o arquivista: autenticidade da informação, domínio do fluxo dos documentos e de sua transmissão, perenidade dos dados.

Nesse sentido, a formação do arquivista, hoje, deveria estar centrada no domínio de um saber que o habilite a se desincumbir de suas funções tradicionais, mas também que o prepare para enfrentar os desafios do século XXI. Essa formação, por outro lado, não deve se restringir a preparar “técnicos” em arquivos, mas também para a pesquisa, ou seja, formar pessoas críticas. Percebe-se, nas universidades que têm graduação em Arquivologia, uma tendência ao desenvolvimento de pesquisas em arquivística nos programas de pós-graduação. Ou mesmo — como é o caso, por exemplo, da École Nationale des Chartes — de encaminhar os alunos que obtêm o diploma a prosseguir os seus estudos pós-graduados em outras universidades, com as quais aquela Escola já estabeleceu parceria.

De toda maneira, se há um consenso quanto à formação do arquivista pelas universidades, não se pode dizer o mesmo quanto aos vínculos institucionais da disciplina, sobre a sua inserção em qual campo disciplinar e quais diálogos privilegiar. No caso do Brasil, a maioria dos cursos de Arquivologia (6) está vinculada aos departamentos de Ciência da Informação, o que parece, de fato, indicar uma acomodação acadêmica (ou o “consenso apático” ao qual se refere Couture) da Arquivologia como uma subárea da Ciência da Informação. Podemos observar também que os cursos de graduação em Arquivologia estão distribuídos em duas grandes áreas do conhecimento (conforme classificação do CNPq ainda em vigor): Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. Esse dado parece refletir ou uma busca de identidade da área ou, ainda, uma reafirmação do caráter interdisciplinar/multidisciplinar da Arquivologia, o que nos remete às conclusões da pesquisa de Bonal Zazo, apresentadas anteriormente. Por outro lado, segue de certa forma, a tendência apontada por Couture (2001-2002), de uma aproximação entre a Arquivística e a Ciência da Informação. Entretanto, como já indicado anteriormente, do ponto de vista das agências financiadoras estatais (CNPq e CAPES)²³ caminha-se para uma desvinculação “automática” entre a Arquivologia e a Ciência da Informação. Isso, por si só, não seria ruim, pois, como vimos também, esse vínculo decorreu, de certa forma, de uma inércia, apesar de refletir uma tendência e uma recomendação de órgãos como a Unesco e o próprio Conselho Internacional de Arquivos. Em contrapartida, do ponto de vista prático, vemos que a profissão de arquivista, segundo a última edição da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), não está entre os “profissionais de informação”, como o são o bibliotecário, o documentalista e o analista de informação²⁴.

Quanto à inserção da Arquivologia nos Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, pode-se constatar que dos nove Cursos de Arquivologia, quatro estão em departamentos que têm Pós-graduação em Ciência da Informação. Supõe-se então que a trajetória natural dos docentes da graduação em Arquivologia, desde que tenham doutorado, seja o seu credenciamento nesses Programas. Dos outros

²³ Isso vale, evidentemente, para outras agências financiadoras que seguem a tabela de áreas do CNPq, como a FINEPm o BNDES, além das agências estaduais (FAPESP, FAP-DF, FAPEMIG, FAPERJ, etc.)

²⁴ Disponível em <http://www.mteco.gov.br/informacao.asp>.

cinco restantes, um deles está num departamento que tem um programa com afinidade com a Ciência da Informação: a Pós em Comunicação e Informação da UFRGS em que a linha de pesquisa "Informação, Tecnologias e Práticas Sociais" permite perfeitamente desenvolver pesquisas com temas arquivísticos e que tem um docente do Curso de Arquivologia credenciado. Dois outros cursos (UEL e UFES) ainda estão em departamentos que não têm programa de Pós-graduação *stricto sensu*. Finalmente, o curso da UNIRIO que está num departamento cujo Programa de Pós-graduação está classificado como sendo de natureza multidisciplinar: neste Programa foram identificadas dissertações com temas arquivísticos, embora, na ocasião do levantamento de dados, não tenhamos identificado professores do Curso de Arquivologia credenciados no Programa.

Quanto aos vínculos, uma variável a ser investigada é a razão histórica de os Cursos de Arquivologia estarem num ou noutro departamento, nas ciências humanas ou nas ciências sociais aplicadas. Para isso seria necessário pesquisar nos documentos de criação e implantação desses cursos.²⁵ A esse número, poder-se-ia acrescentar mais um, pois o departamento de vinculação do Curso da Universidade Federal de Santa Maria denomina-se "Documentação".

Foi possível constatar, também, que as linhas de pesquisa, cujos títulos indicam ser possível produzir teses ou dissertações com temas arquivísticos, concentram-se majoritariamente nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ, UNESP, UFMG/ECI, PUCAMP/FABI, UFPB/CCS/DBD e UnB/FACE/CID). As universidades que possuem o maior número de dissertações e teses com temáticas voltadas para a Arquivologia são a USP/História/ECA (16) e a UFRJ/IBICT (14). Examinando-se os títulos das pesquisas²⁶, observou-se que a maioria dessas teses e dissertações relaciona-se aos temas clássicos da Arquivística, tais como: o tratamento/organização de documentos (classificação, avaliação, tipologia documental, elaboração de instrumentos de pesquisa, recuperação da informação/acesso) e com as novas tecnologias da informação (principalmente documentos eletrônicos). Temas relacionados à memória e à história de instituições arquivísticas também foram identificados.

Esses dados parecem indicar um delineamento de um espaço de pesquisa com temas propriamente arquivísticos. Mas isso pode ser explicado também pelo fato de a Arquivologia ser uma disciplina ainda, digamos, em construção, cuja identidade parece não ser muito clara. Evidentemente, não estamos defendendo aqui que essa identidade se faça às custas do seu isolamento. Ao que tudo indica, hoje, mesmo para as ciências consolidadas, isso não é mais possível. As questões postas pela sociedade contemporânea exigem cada vez mais olhares múltiplos e, no caso da Arquivologia, suas relações tradicionais com a

²⁵ No caso específico do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília, uma pesquisa realizada para a produção do *Manual do Curso* revelou que as negociações iniciais para a sua criação ocorreram com o Departamento de História, mas não tiveram prosseguimento, aparentemente pela falta de entusiasmo da História. Foi justamente pelo fato de o Curso de Arquivologia ter sido implementado no Departamento de Biblioteconomia que este teve sua denominação alterada para "Ciência da Informação e Documentação".

²⁶ Numa etapa posterior pretende-se consultar o texto integral das teses e dissertações ou ao menos os resumos.

História, e depois com a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Informática, o Direito, a Administração, por exemplo, demonstram que a abordagem da informação orgânica – objeto da Arquivologia – não se pode fazer com apenas um viés de análise.

Os resultados obtidos até o momento nos permitem concluir que, no Brasil, a Arquivologia, como disciplina do conhecimento, já começa a delinear uma "comunidade científica". A identificação de grupos de pesquisa congregando pesquisadores da área poderá nos apontar se caminhamos para uma consolidação dessa comunidade.

O número de dissertações e teses, com temática propriamente arquivística, num total de 73 trabalhos, pode parecer insignificante apenas se este for comparado ao de outras disciplinas já consolidadas. Porém, tratando-se de um campo recente na área acadêmica, esse resultado adquire outra dimensão. Os dados nos apontam também para outra reflexão. A maioria dos Cursos de Arquivologia funciona apenas no horário noturno e isso provavelmente se reflete no número de estudantes que podem, futuramente, se dedicar à pesquisa. Esse fato nos leva a pensar se, num primeiro momento, as Pós-graduações tenham atraído prioritariamente profissionais que já trabalham em instituições arquivísticas ou similares. Além disso, devido à graduação em Arquivologia ser recente, podemos avançar a hipótese segundo a qual os alunos formados na área ainda estão em fase de amadurecimento. Outro aspecto a ser apontado diz respeito às observações de Couture (2001-2002) segundo as quais ainda há uma deficiência de docentes e pesquisadores em Arquivologia. A realidade do Brasil parece corroborar isso. Os resultados, embora parciais, demonstraram a existência de docentes vinculados, de fato, aos Cursos de Arquivologia mas também aos Programas de Pós de seus departamentos, porém em número ainda pequeno. Além disso, deve-se considerar que as pesquisas em Arquivística parecem se desenvolver independentemente da existência de docentes da Arquivologia nos Programas, ou seja, há orientadores capazes de orientar teses e dissertações com temáticas arquivísticas o que, como já havíamos destacado anteriormente, pode repercutir nos recortes temáticos e nos métodos. Futuramente, quando cruzarmos o perfil dos orientadores com o dos orientandos, quem sabe poderemos concluir que, muitas vezes, os orientandos com graduação ou especialização em Arquivística – ou profissionais da área – estariam influenciando os próprios orientadores e até, conforme o caso, redirecionando ou ampliando os interesses destes últimos.

Gostaríamos, ainda, de destacar que a formação do arquivista, no Brasil, parece seguir, em grandes linhas, o modelo internacional guardando, é claro, certas particularidades. O que há em comum, parece-nos, é o deslocamento dos locais de formação: das instituições arquivísticas públicas para as universidades. A particularidade brasileira deve-se ao fato de que – ao contrário do que ocorreu e ocorre na maioria dos países pesquisados – a formação universitária no Brasil priorizou uma formação acadêmica integral, segundo o modelo tradicional do bacharelado. São poucas as formações profissionalizantes ou de especialização oferecidas pelas universidades. Nas universidades públicas temos o já tradicional curso de especialização do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. Um levantamento preliminar – realizado por nós para a conferência que gerou este artigo – indicou a existência de outros cursos de especialização, em funcionamento ou como projeto, em universidades públicas: o da Universidade Federal do Maranhão,

criado em 2003²⁷ e em na Universidade Federal da Bahia, onde se encontra em fase de tramitação uma proposta de um curso de especialização intitulado *Atualização em Informação arquivística*²⁸. O mesmo levantamento mostrou a criação de um MBA em *Arquivologia e Gestão Documental* na Universidade Paulista (Unip), numa parceria com a Fundação Arquivo e Memória de Santos (FAMS). Esse curso, de fato, já está no site da Unip, com os objetivos, carga horária e grade curricular²⁹. Ainda nas faculdades privadas, um curso de especialização (MBA) é oferecido pelo CPDOC/FGV com o título de *MBA Bens culturais: cultura, economia e gestão* que possui na sua grade curricular disciplinas relacionadas à Arquivologia, embora a terminologia não apareça.

Finalmente, a título de síntese, poderíamos dizer que, hoje, alguns aspectos devem ser destacados quanto à situação da Arquivologia – no Brasil e no mundo: a) assistimos ao nascimento e consolidação de uma profissão, subjacente àquela de arquivista, que é a do “professor de Arquivologia” – profissão esta que, aliás, já consta na CBO de 2002 -, e os programas de pós-graduação das universidades contribuirão cada vez mais para consolidá-la também no campo científico; b) há, de certa forma, uma demanda – ainda que difusa - da sociedade pelo trabalho do Arquivista. No caso brasileiro, bastaria fazer um levantamento dos concursos para arquivista realizados nos últimos anos: constata-se a necessidade do profissional, mas a “oferta de emprego é ainda comumente mal definida” [vide os editais, às vezes confusos na definição do profissional] e, em certas ocasiões, ainda se quer um simples técnico, fato lembrado, no plano internacional, por Elisabeth Verry (2003); c) a institucionalização acadêmica da Arquivologia parece contribuir firmemente para credenciar o profissional formado na disciplina a disputar os espaços intelectuais legitimados para analisar questões complexas, como aquelas relacionadas à memória, ao patrimônio documental e à gestão documental, enfim às políticas públicas de gestão e acesso às informações.

Pensamos que a Universidade tem um papel fundamental a desempenhar nesse processo de reconhecimento de fato – e de direito - da Arquivologia e dos arquivistas, mediante pesquisas que identifiquem as demandas sociais, analisem os currículos e os métodos de ensino nos cursos de graduação, dentre outros. Além disso, é na universidade, como nos lembra Cox (1998) que se encontram as palavras-chave para a formação de um profissional crítico: “ensino – pesquisa – questionamento” (COX, 1998, p. 61). Paralelamente, as associações profissionais também poderiam colaborar, no sentido de que elas, hoje, compõem-se, em sua grande maioria – referimo-nos aqui especialmente ao Brasil - de egressos dos cursos de graduação em Arquivologia, ao menos em suas diretorias. Percebe-se, igualmente, um amadurecimento da categoria – a exemplo do que ocorre no plano internacional - no sentido de considerar importante uma parceria com as universidades.

²⁷Conforme Resolução CONSEPE N° 294/03 da UFMA (disponível em <http://www.ufma.br/>)
²⁸ Conforme informações no site da UFBA em: <http://www.prppg.ufba.br/especializacao.html>. Acesso em abril de 2006.

²⁹Disponível em http://www3.unip.br/ensino/pos_graduacao/latosensu/index.asp. Acesso em abril de 2006.

Os debates sobre o papel do arquivista – ainda que este papel não seja claramente explicitado – são cada vez mais frequentes nos jornais: quando se discute o acesso a documentos sigilosos; quando se noticiam sinistros que destroem arquivos da administração pública; quando se fala em terceirização dos serviços de arquivo nas instituições públicas; quando se privatizam estatais; quando as CPIs investigam documentos como prova, etc. Em todas essas circunstâncias, um arquivista com uma boa formação de base universitária, formado no espírito crítico e investigativo, será um profissional capaz de orientar ações, assessorar e propor políticas de tratamento, preservação e acesso às informações e documentos arquivísticos.

Referências

- ASSOCIATION DES ARCHIVISTES SUISSES. **La formation des archivistes**. Disponível em: http://www.vsa-aas.org/Zeller_Structure.267.0.html?&L=1. Acesso em: jan. 2006.
- BONAL ZAZO, José Luis. **La investigación universitaria sobre archivos y archivística en España a través de las tesis doctorales**. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/Jlbonal.pdf>. Acesso em: dez. 2003.
- BOTTINO, Mariza. Panorama dos cursos de Arquivologia no Brasil: graduação e pós-graduação. **Arquivo & Administração**, v. 15, n. 23, p. 12-18, 1994.
- BRITTO, Maria Teresa Navarro de. Cartografia do Ensino Universitário de Arquivologia nas Américas. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999, p. 9-30.
- BURGY, François. **Archivistique et polyvalence professionnelle: dix ans de formation em archivistique à Genève**. Disponível em: http://www.hesg.ch/heg/prestations_recherche/doc/fb_archiv-polyv.pdf. Acesso em: jan. 2006.
- COOK, Michael. **The education and training of archivists - status report of archival training programmes and assessment of manpower needs**. (PGI-79/CNF.604/COL.2). Paris: UNESCO, 1979. 71 p.
- CASTRO, A. de Moraes; CASTRO, Andresa de Moraes; GASPARIAN, D. M. Castro. **Arquivística, arquivologia**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- CNPq. **Avaliação e perspectivas**. Brasília, 1978. v. 9.
- CNPq. **Avaliação e perspectivas: ciências sociais aplicadas**. Brasília, 1983. v. 8.
- COUTURE, Carol. La formation et la recherche en archivistique: éléments révélateurs de l'état de développement de l'archivistique contemporaine: synthèse d'un projet de recherche. **Archives**, v. 33, n. 2, p. 21-51, 2001-2002.
- COUTURE, Carol. **La formation initiale en archivistique**. Disponível em: http://www.mapageweb.umontreal.ca/couturec/rapport/chap1_2.htm. Acesso em: jan. de 2000.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne. La formation en archivistique et le profil de l'archiviste contemporain. **Archivum**. International on Council Archives, v. 45, p. 19-37, 2000.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Trad. Luis Carlos Lopes. Brasília: FINATEC, 1999.

COX, Richard. *A advocacia nos currículos de graduação em arquivologia: uma perspectiva norte-americana*. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 1998.

DELMAS, Bruno. **The training of archivists: analysis of the study programme of different countries and thoughts on the possibilities on harmonization**. (PGI-79/CONF.604/COL). Paris: UNESCO, 1979.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FONTAINE, France, BERNHARD, Pauline. **Principes directeurs pour la rédaction d'objectifs d'apprentissage en bibliothéconomie, en sciences de l'information et en archivistique**. (PGI-88/WS/10). Paris: UNESCO, 1988.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. In: **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan/abr 2003.

JARDIM, José Maria. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). **Ciência da Informação**, v. 27, n. 3, p. 243-252, set./dez. 1998.

JARDIM, José Maria, FONSECA, Maria Odila (Org.) **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação científica**. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilene J. L. (Org.). **Comunicação Científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação/Universidade de Brasília, 2000.

NESMITH, Tom. Hugh Taylor's contextual idea for archives and the foundation of graduate education in archival studies. In: CRAIG, Barbara L., éditeur. **The archival imagination: essays in honour of Hugh A. Taylor**. Ottawa: 1992b. p. 13-37.

ORLÉANS, Jacques d'. **The status of archivists in relation to other information professionals in the public service in Africa: a RAMP study**. Paris: UNESCO, 1985. 43 p. (PGI-85/WS/2).

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Visibilidade da produção científica gerada pelos docentes e egressos dos programas de pós-graduação em ciência da informação e as interfaces com os grupos de pesquisa da área, constantes do diretório do CNPq. In: **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, fev. 2005. Disponível em: http://www.dgzero.org/fev05/F_I_art.htm. Acesso em: fev. 2005.

RODRIGUES, Georgete Medleg; APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda. A pesquisa em arquivística na pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 1, p. 31-39, jan./jun. 2002.

RODRIGUES, Georgete Medleg; APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda. A pesquisa em arquivística na pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas. **Páginas A&B**, Lisboa, n. 12, p. 115-130, 2003.

RODRIGUES, Georgete Medleg; CUNHA, Angelica Alves. A pesquisa em arquivística nas universidades brasileiras: um estudo da produção científica no âmbito dos programas de pós-graduação e de iniciação científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 10-14 de novembro de 2003. **Anais**.

RODRIGUES, Georgete Medleg; CUNHA, Angelica Alves. A pesquisa em arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UnB, 9., 2003, Brasília. **Resumos...** Brasília: UnB, 2003. 1 CD-ROM.

RODRIGUES, Georgete Medleg; MARQUES, Angelica Alves da Cunha. A inserção da arquivística nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. **RBPG**, v. 2, n. 3, p. 75-92, mar. 2005.

RODRÍGUEZ BARREDO, Julia Maria. La formación de los archiveros en España: una propuesta para el siglo XXI. **Comma, International Journal on archives**, n. 1-2, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Edições Afrontamento, 1999. 254 p.

SOUSA, Marcos Aurélio Lopes de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O arquivista como cientista da informação: formação e perspectivas profissionais. In: ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

TANODI, Aurelio. **The status of archivists in relation to other information professionals in the public service in Latin America: a RAMP study**. Paris, UNESCO, 1985. 59 p. (PGI-85/WS/13).

UNESCO. PGI. **Meeting of experts on the harmonization of archival training programmes: 26-30 november, Paris, 1979: final report**. Paris, UNESCO, 1980. 17 p. (PGI-79/CONF.604/COL.7).

VERHELST, Jules; SCHEELINGS, Frank. La formation archivistique "traditionnelle" en Europe. **Archivum: ICA**, v. 45, p. 1-18, 2000.

VERRY, Elisabeth. La diversification de l'offre de l'emploi. **Comma. ICA**, v. 2-3, p.117-122, 2003.

